

DIÁRIO

Memórias da vida literária

TRECHOS SELECIONADOS



Edmond (t) Jules de
Goncourt

Tradução, seleção,
notas e introdução
Forge Bastos

CARAMBAIA

Introdução

5

DIÁRIO

Trechos selecionados

19

Índice onomástico

414

INTRODUÇÃO

Há quem diga não passar de um livro de fofocas o *Diário* publicado por Edmond e Jules de Goncourt na Paris do século XIX e elogiado por Nietzsche, em carta ao amigo músico Peter Gast, como “a novidade mais interessante” da época. Contudo, os escritos dos irmãos que deram origem à Academia Goncourt, responsável pelo principal prêmio literário da França, vão além da intriga e da confissão, para compor uma minuciosa descrição dos bastidores da intelectualidade e da elite parisienses, sobretudo nos célebres jantares realizados no restaurante Magny. São fofocas chiques, não só literárias, que historicamente cobrem toda a segunda metade do século XIX: o apogeu e o fim do Segundo Império francês e o inseguro início da Terceira República.

Os Goncourt tinham tanto a contar – e criticar, ironizar, devastar... – sobre a vida de escritores como Gustave Flaubert, Victor Hugo e Émile Zola (entre muitos outros autores e artistas), que o *Diário – Memórias da vida literária* só pôde ser publicado na íntegra (perfazendo um total de cerca de 4.500 páginas) cinquenta anos depois da morte de Edmond, conforme testamento. A presente edição é uma seleção inédita e original pinçada nessa obra integral, com a aquiescência e o apoio da Academia Goncourt (na pessoa do seu então presidente, François Nourissier). Assim, procurou-se ao máximo tornar o volumoso manuscrito um livro agradável para um leitor culto, não especialista, servindo de espécie de

manual para melhor conhecimento de uma época em que já se reconhece boa parte da formação cultural e política do que viria a ser o século XX europeu.

São constantes, no *Diário*, os nomes dos escritores Flaubert, Zola, Daudet, Sainte-Beuve, Saint-Victor, Dumas (pai e filho), Maupassant, Turguêniev, Victor Hugo, Mallarmé e Verlaine, e dos artistas Rodin, Degas, Delacroix e Manet. Outros nomes se distanciaram no tempo (ou são lembrados apenas na França), designando políticos, mundanas famosas, financistas, gente do teatro, jornalistas e boa parte da alta sociedade francesa (por isso, esta edição acrescenta no final uma relação dessas personalidades menos conhecidas hoje no Brasil, com rápidas notas biográficas).

Por outro lado, o *Diário* acompanha o dia a dia de grandes acontecimentos, como a Guerra Franco-Prusiana, de 1870 – com o cerco de Paris, a humilhação francesa e o advento da Comuna –, as Exposições Universais e pequenas curiosidades que então apareciam e perduraram (os açougues *chevalines*, a Torre Eiffel, a bicicleta, a fotografia se tornando popular, os apartamentos confortáveis com água quente).

Jules Goncourt, que iniciara o *Diário*, morreu vitimado pela sífilis em 1870, aos 39 anos, e Edmond, o mais velho dos irmãos, após alguma hesitação, retomou a pena e deu prosseguimento, criando uma curiosidade a mais, pois não há nenhuma notável dessemelhança entre a escrita de um e a de outro. No fim da vida de Edmond, 25 anos após a morte de Jules, uma das últimas anotações do *Diário* esclarece: “[...] dois temperamentos totalmente diversos [...] meu irmão tinha maior domínio da frase, enfim, era mais escritor que eu, sendo minha vantagem a de ser mais *visionário* com o que pode se

tornar matéria literária. [...] Nessa sequência de trabalhos se fez a fusão, o amálgama dos nossos dois estilos, que se uniram num só, bem pessoal, bem Goncourt”.

Edmond e Jules eram filhos da pequena aristocracia, sem nenhuma grande fortuna de família. O mais velho ainda trabalhou alguns anos na administração pública, até 1849 (tinha então 27 anos; e Jules, 19), quando decidiram, juntos, que se dedicariam exclusivamente às artes. Empreenderam uma viagem pela França e pela Argélia. De volta a Paris, compartilharam um apartamento, que só deixaram em 1868, para se instalar numa casa comprada no bairro de Auteuil, recém-incorporado à cidade (Paris passara a acolher, em vez de dez, dezesseis *arrondissements* – ou distritos – em 1860). Dedicaram-se à pintura, à gravura, ao desenho, à literatura e colecionaram objetos raros do século XVIII. Escreveram artigos e críticas para jornais, monografias e ensaios na área de História.

Entre 1852 e 1870, a França viveu o período do Segundo Império, instaurado por plebiscito após o golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, que conferiu poderes ditatoriais ao presidente da República, Luís Napoleão Bonaparte, chamado por Victor Hugo de “o pequeno Napoleão” (em oposição ao tio, denominado “o Grande”).

A política externa de Napoleão III revelou-se desastrosa, desembocando na derrocada de 1870, mas foi uma época de formidável enriquecimento interno, com a acumulação de imensos capitais. Paris foi conculsionada por grandes obras públicas (geradoras de empregos, o que alivia tensões sociais) capitaneadas pelo barão Haussmann. Os novos *grands-magasins* (lojas de departamentos) revolucionaram o comércio, e apareceram os primeiros supermercados.

O governo imperial impunha uma pesada censura política à imprensa, e moralista à literatura e ao teatro. Os próprios Goncourt sofreram um processo, assim como Flaubert (por *Madame Bovary*), Baudelaire e tantos outros. A prisão para condenados políticos – Sainte-Pélagie –, diga-se, não era das mais austeras, e contava sempre com boa população de escritores, que podiam festejar com champanhe os recém-chegados.

Por outro lado, expandia-se a imprensa literária. Apenas em 1855, cerca de cinquenta jornais voltados para as artes foram criados em Paris; muitos, é verdade, com vida efêmera. Tratavam de literatura, teatro, belas-artes e, muito rapidamente, de mexericos envolvendo escritores, artistas, atores e, mais ainda, atrizes. As intrigas que mais vendiam jornais envolviam o *monde* (a mais aristocrática sociedade, denominada por Proust alguns anos depois como *côté* Guermantes) e o *demi-monde* – como rotulou Dumas filho –, em que reinavam “semimundanas”, mulheres ricas, mas exiladas daquele primeiro mundo por algum escândalo, e outras, emergentes por seus dotes físicos (“a vingança do pobre contra os ricos são as suas filhas”, reza o *Diário*).

A nota perversa – e que justifica em parte o rancor dos Goncourt contra o jornalismo – vem justamente desse florescimento da imprensa. Jornalistas como Émile de Girardin, pioneiro na venda de espaço à publicidade na “mídia”, abriram suas empresas para financistas. Matérias pagas e propaganda permitiram a redução dos preços, acarretando maiores tiragens que, por sua vez, elevaram as tarifas publicitárias... Tudo isso criou um público maior, que era preciso satisfazer. Para os irmãos, a qualidade literária teria caído à medida que cresceram as vendas. E os jornais, que eram grande fonte de renda

e de prestígio para os escritores (os romances eram primeiro publicados em capítulos diários por matutinos e vespertinos), precisavam cada vez menos do tipo de literatura de que gostavam os Goncourt.

Os romances dos irmãos Goncourt nunca alcançaram as vendas dos seus discípulos mais famosos, Émile Zola e Alphonse Daudet. Eles foram, no entanto, autores de sucesso, apesar de sempre reclamarem da “maledicência” da imprensa: “Meu caso é realmente excepcional: tenho 67 anos, sou quase septuagenário e, nessa idade, em literatura cessam os insultos [...] Mas continuo sendo vilipendiado, infamado, insultado como um iniciante [...] e tudo me leva a crer que tal crítica, a um homem da minha idade e com minha posição nas letras, é um fato único na literatura, em todos os tempos e em todos os países”, queixa-se Edmond no *Diário*.

Fica claro que os Goncourt seguiram o ditado “fa-lem mal, mas falem de mim”. O segundo romance dos irmãos, publicado em 1860, *Les Hommes de lettres* (mais tarde transposto para o teatro como *Charles Demailly*), retratava duramente o universo letrado da época, com seus personagens jornalistas muito facilmente reconhecíveis; e isso lhes rendeu rancores duradouros.

Acrescente-se que, apressada e inabilmente, mas seguindo a tendência da época, eles rotularam como “judaica” a importância cada vez maior da mentalidade capitalista, sustentada por uma classe financista que de fato tinha, como expoentes principais, sobrenomes com sonoridade semítica. Aliás, eram eles proprietários de boa parte das revistas, dos jornais e dos teatros...

No *Diário* soa desagradável a pesada insistência contra o que os irmãos generalizavam como “judeus”. Com boa vontade podemos achar que eram apenas

preconceituosos, e não propriamente antissemitas ou racistas, pois abusam de rótulos simplistas. Um exemplo: usam pejorativamente o termo “meridional”, designando o homem mediterrâneo, sendo, no entanto, o mais íntimo amigo de Edmond, Alphonse Daudet, um típico meridional. A intolerância prossegue contra os frequentadores de cervejarias e boêmios de vida desregrada (Verlaine), bem como contra os escritores russos, a Academia Francesa e tudo o que não fizesse parte do estreito círculo Goncourt. São constantes também as insistentes descrições físicas, sempre calcadas em preceitos fisionômicos e frenológicos característicos do cientificismo da época, assim como a clara aversão à homossexualidade e a ideias que então ganhavam terreno, como o socialismo e o feminismo.

Edmond e Jules trocaram cedo as artes plásticas pelas letras, guiados pelas concepções de Théophile Gautier, que teve um papel preponderante em toda a formação literária da segunda metade do século XIX. Exercitaram-se com estudos históricos bastante originais, fugindo dos grandes temas e empreendendo pesquisas minuciosas, a partir de diários pessoais e correspondências, buscando quase exclusivamente o detalhe. Vêm daí *Histoire de la société française pendant la Révolution* (1854), *Histoire de la société française pendant le Directoire* (1855), *Sophie Arnould* (1857), *Portraits intimes du XVIII^e siècle* (1857-1858), *Histoire de Marie-Antoinette* (1858), *L'Art du XVIII^e siècle* (1859-1865), *Les Maîtresses de Louis XV* (1860) e *La Femme au XVIII^e siècle* (1862).

No que chamaram “literatura de criação” – os romances e as peças teatrais – foram sem dúvida inovadores, e no *Diário* mesmo eles dizem que algumas

das suas peças, como *Henriette Maréchal*, *Madame Gervaisais* e *La Fille Élisa*, foram as que mais fizeram a imprensa gastar tinta na segunda metade do século XIX.

Os Goncourt criaram técnicas que Émile Zola, logo em seguida, alçou à condição de norma. *Charles De-mailly* traz um precursor do personagem Des Esseintes, de *Às avessas*, de J.-K. Huysmans, protótipo do literato exageradamente refinado, naquele “decadente” final de século. *Renée Mauperin*, de 1864, retrata a burguesia da época, mostrando uma jovem espontânea e sem artifícios que morre por não se adaptar às torpes convenções da sua classe. *Madame Gervaisais* (1869) disseca uma alma histérica (a partir do trabalho de Charcot, que muito influenciou o jovem Freud). *Germinie Lacerteux* introduz a gente do povo na literatura, e *La Fille Élisa* fala de uma prostituta do *trottoir* (não do *demi-monde*, como uma Dama das Camélias). Tudo isso sem preocupações sociológicas, mas de forma apenas “artística” (como gostavam de dizer).

Os Goncourt, que literariamente adotaram a “ciência” contra o “romantismo”, permaneceram romanticamente cientificistas, sobretudo contra a religião. Naquela época, a metafísica estava caindo em descrédito. A sociedade se laicizava e, mais ainda, a educação. Os irmãos se disseram ateus meio por convicção, meio por provocação, mas permaneceram céticos quanto à ideia de progresso, tanto do ponto de vista filosófico como, sobretudo, ético. Surpreendem, no *Diário*, posturas ecológicas bastante raras na época e que lhes renderam algumas zombarias. Os progressos das ciências naturais, que haviam inspirado ilimitada confiança nos métodos científicos, já eram vistos com alguma desconfiança (vide *Bouvard e Pécuchet*) e ironia.

Após a morte de Jules, sem muito carisma pessoal para se tornar um chefe de escola literária (como Zola, com o grupo de Médan), Edmond beirou o azedume e buscou na arte o seu tranquilizante. Mas soube aproveitar bastante bem a malfalada (por eles) imprensa, publicando a partir de 1882 algumas “indiscrições” que revelavam o seu grande projeto da futura Academia Goncourt. Em seu diário, o escritor Jules Renard conta ter perguntado um dia a Edmond em que estava trabalhando naquele momento. Ao que ele respondeu: “No meu testamento”.

O citado testamento era o projeto da Academia, incessantemente reescrito. Junto ao *Diário*, foi a maior atividade intelectual de Edmond em seus últimos anos, punindo ou recompensando um maior ou menor zelo de seus “prosélitos”. Graças a esse “suspense”, manteve reuniões dominicais em sua casa, que no *Diário* parecem enfadonhas, abrilhantadas apenas pela participação cativa da família Daudet.

Abrindo um aparte, surpreende hoje a intensa vida social daquela intelectualidade: a quantidade de jantares, almoços, reuniões e recepções com datas previamente conhecidas. Há as quartas-feiras da princesa Mathilde (Bonaparte), os domingos da Presidenta (mundana a quem Baudelaire dedica belos poemas), de Flaubert (em seu pequeno apartamento parisiense), do Grenier Goncourt (sucedem-se nessa ordem), os jantares famosos no restaurante Magny, as quintas-feiras da sra. Viardot, os jantares do grupo simbolista, do grupo de Médan, os banquetes de homenagem, os “salões” da sra. De Païva, da sra. Adam, da imperatriz...

Tanta mundanidade não podia deixar de gerar uma infinidade de fofocas, e o *Diário* tem o mérito de fazer a

crônica dessa vida literária em seu apogeu. Certamente, a literatura nunca havia tido tal participação social, tal poder político. Em contrapartida, mas ainda com toda a etiqueta da atividade social, surpreende também a frequência dos duelos – cada vez menos fatais –, à esgrima ou à pistola. Edmond, por exemplo, sente-se constantemente ameaçado pela eventual visita de “testemunhas” formalizando o desafio de algum ofendido.

Quando fez um balanço de sua fortuna crítica, Edmond acreditou ser “a correção impecável das suas vidas” o que sempre incomodou a maioria corrompida pelo sucesso rápido e fácil. Eles, como Flaubert (único exemplo de escritor em que se reconhecem), escreviam para a posteridade. Nos disse-me-disse alheios, Jules é descrito como um tanto pedante, mas com inegável brilho, enquanto Edmond é mais calado, tímido, observador.

Edmond e Jules eram elegantes sem dandismo e também bons conhecedores de arte. Foram os introdutores de diversos modismos, entre os quais o das gravuras japonesas, que os pintores impressionistas tanto apreciaram. Cultivaram sobretudo um estilo de vida, como contam no *Diário*: “[...] vi homens e mulheres nos tomarem como modelos em sua vida, tomarem nossos gostos, o gosto pelas tiragens impressas em papéis de luxo, pelos quartos com tetos cobertos por tecidos, gosto pelos móveis do século XVIII ou pelos japoneses, gostos em culinária; plagiaram até mesmo nossos coletes e nossas meias!...”.

Mas quem são os irmãos Goncourt? Para um francês médio de hoje, Goncourt é o nome do principal prêmio literário do país (é também uma estação de metrô e uma avenida de Paris). Trata-se de um prêmio em dinheiro, no valor simbólico de 10 euros, que, no entanto,

desperta cobiça e grandes especulações. Seria possível ver nele um avatar da antiga coroa de louros, não fosse a gulosa expectativa criada não só entre os autores, mas, sobretudo, entre as grandes editoras, em geral pouco ciosas de glórias meramente olímpicas: o prêmio Goncourt, entre outros 1.500 prêmios literários franceses, é, desde sempre, o mais carismático e dá um toque mágico ao livro laureado, que no dia mesmo da premiação cresce na lista dos mais vendidos e se torna um best-seller.

O prêmio anual, de início, não era o que importava. Edmond mantinha um culto quase supersticioso pela profissão que haviam escolhido, o irmão e ele, deixando instruções testamentárias para a fundação de uma instituição capaz de favorecer e encorajar talentos literários inovadores, que não precisariam, graças à ajuda financeira (correspondente ao “salário de um assessor de ministro”), “se vender” ao jornalismo, ao mercado editorial, podendo se dedicar à literatura. Esses membros da Academia Goncourt, ao contrário dos da Academia Francesa, deviam ser exclusivamente escritores, e não apenas “notáveis”. Não havia também fardões nem sequer um local, uma estrutura institucional: os encontros se davam, como até hoje, num restaurante, mantendo a tradição dos “jantares literários”. A premiação era uma atividade desse grupo. Com o passar do tempo, tornou-se impossível manter materialmente o ambicioso projeto: o prêmio são os mesmos 5 mil francos (antigos) iniciais, apenas muito desvalorizados, e os acadêmicos Goncourt, em comum acordo, reduziram e acabaram por extinguir os seus salários.

Curiosamente, é a mal-afamada (segundo os Goncourt) mídia que mantém a importância do prêmio, antigamente anunciado na segunda quinzena do mês

de dezembro de cada ano, e hoje em dia antecipado para o início de novembro (para aproveitar as vendas de Natal), no mesmo restaurante Drouant, em Paris, frequentado por Edmond.

Os irmãos Goncourt não deixaram herdeiros biológicos, não constituíram família e até mesmo, durante certo tempo, compartilharam a mesma amante, que vinha a domicílio atender, sem promiscuidade, ora a um, ora a outro. Foram monges, a seu modo, devotados a uma religião particular – uma certa literatura – e construíram sua Igreja pessoal, assentada no mistério do “amálgama dos nossos dois estilos, que se uniram num só, bem pessoal, bem Goncourt”. Este *Diário – Memórias da vida literária* é sem dúvida o livro dessa história de dedicação ao livro.

*
* *

JORGE BASTOS morou na França de 1968 a 1979 e, na volta ao Brasil, tornou-se livreiro no Rio de Janeiro. Desde 2000, dedica-se exclusivamente à tradução, tendo publicado em português autores como Émile Zola, Victor Hugo, Amin Maalouf, Raymond Aron, Jules Verne. Em 2009, foi finalista do prêmio Jabuti de Tradução com o romance *Uma vontade louca de dançar*, de Elie Wiesel.

NOTA DESTA EDIÇÃO

Não havendo um texto-base do *Diário – Memórias da vida literária* bem estabelecido, uma vez que os nove volumes publicados em vida por Edmond de Goncourt eram bastante incompletos (apenas a “verdade agradável”, como ele explica no prefácio que escreveu para o volume 6, em 1891), e partindo das publicações consultadas (Charpentier, Fasquelles et Flammarion, Bouquins) para a presente edição, algumas anotações do *Diário* apresentam pequenas discrepâncias que não nos pareceram necessário assinalar, sobretudo no referente a datas.

Nas páginas a seguir, estão diferenciados, pela cor do texto, os trechos do *Diário* dos irmãos Goncourt (em preto) das notas feitas pelo tradutor e organizador, Jorge Bastos (colorido).

No fim do volume, um índice onomástico relaciona os nomes e biografias das personalidades citadas repetidas vezes nas páginas do *Diário* e que são menos conhecidos do leitor contemporâneo.

DIÁRIO –
MEMÓRIAS DA
VIDA LITERÁRIA
Trechos selecionados

EJ

PREFÁCIO

[de Edmond de Goncourt para a edição do *Diário* em livro em 1887]

O diário é a nossa confissão de cada noite. A confissão de duas vidas inseparáveis no prazer, na labuta, na dor. São dois pensamentos gêmeos, dois espíritos que recebem, do contato com os homens e as coisas, impressões tão semelhantes, tão idênticas, tão homogêneas que essa confissão pode ser considerada a expansão de um único eu.

Nessa autobiografia, entram diariamente em cena as pessoas que os acasos da vida jogaram no caminho de nossa existência. Nós retratamos esses homens e essas mulheres tal como os percebíamos naquele dia, naquela hora, transpondo-os para o nosso *Diário* e mostrando-os mais tarde sob aspectos diferentes, conforme eles mudavam e se modificavam. Procuramos, com isso, não imitar os fazedores de memórias que apresentam suas figuras históricas em bloco e numa peça única, ou pintadas com cores esmaecidas pelo distanciamento e pelo impacto do encontro, ou seja, com a pretensão de representar a humanidade ondulante em sua verdade passageira.

Confesso que algumas vezes a perceptível mudança nas pessoas que nos foram próximas ou queridas pode ter surgido da mudança operada em nós mesmos. Isso é possível. Não escondemos o fato de termos sido criaturas apaixonadas, impulsivas, patologicamente impressionáveis e, desse modo, eventualmente injustas. Mas podemos afirmar que, se por vezes nos expressamos com a injustiça das ideias preconcebidas ou com

a cegueira da antipatia irracional, nunca mentimos conscientemente a respeito de quem falamos.

Nosso esforço, portanto, foi o de levar, à posteridade, contemporâneos nossos tais como eles se mostravam naquele momento, fazendo-os reviver por suas conversas ardentemente estenografadas, pela surpresa fisiológica de um gesto, por esses ínfimos detalhes pelos quais se revela uma personalidade, por esse *algo a mais* que dá intensidade à vida – pelo registro, enfim, de um pouco dessa febre que é própria da existência inebriante de Paris. [...]

Este diário começou em 2 de dezembro de 1851, dia do início da venda do nosso primeiro livro, que foi lançado no dia do Golpe de Estado.

O manuscrito todo, pode-se dizer, foi escrito por meu irmão a partir de um ditado a dois; foi esse o nosso modo de trabalho para estas Memórias.

Quando meu irmão morreu, considerando nossa obra literária terminada, tomei a decisão de encerrar o diário na data de 20 de janeiro de 1870, após as últimas linhas traçadas pela sua mão. Mas fui então mordido pelo amargo desejo de contar a mim mesmo os últimos meses e a morte do meu pobre querido, e, quase ao mesmo tempo, os trágicos acontecimentos da tomada de Paris e da Comuna me levaram a continuar o diário, que é ainda, frequentemente, o confidente do meu pensamento.

Edmond de GONCOURT
Schliersee, agosto de 1872

1860

Edmond e Jules têm respectivamente 38 e 30 anos. Mantêm com crescente regularidade o *Diário* iniciado no final de 1851. Desde 1855, os irmãos escrevem e publicam em diversos periódicos críticas de arte, de teatro e pequenos textos literários, sempre a quatro mãos. Em 1858, publicam *Histoire de Marie-Antoinette*. Transformam em livro a peça *Les Hommes de lettres* (1857), na qual facilmente podem ser identificados muitos personagens do meio intelectual da época, o que lhes rendeu rancores duradouros, mas ainda assim ampliam o círculo de amizades na literatura, no teatro, nas artes e no jornalismo. *Madame Bovary*, recém-publicado por Flaubert, tem grande repercussão. Sainte-Beuve é o crítico literário mais respeitado; e Gustave Planche, da poderosa *Revue des Deux Mondes*, o mais temido. Os irmãos publicam também *Les Maîtresses de Louis XV*. Viajam no mês de setembro por diversas cidades da Alemanha e da Áustria, na companhia de Saint-Victor.

* *Quinta-feira*, 12 de janeiro

[...] Estão à nossa mesa Flaubert, Saint-Victor, Aurélien Scholl, Charles Edmond e, entre as mulheres, Julie e a sra. Doche, esta última com uma rede vermelha nos cabelos e os olhos empoados. Falamos do romance *Elle et lui*, da sra. Colet, em que Flaubert é ferozmente pintado sob o nome de Léonce. Ao mesmo tempo e só para chamar atenção, Scholl faz alguma brincadeira ou alfineta um ausente. [...]

Ainda na sobremesa, Doche se retira para o ensaio geral de *La Pénélope normande*¹, que deve estreiar no dia seguinte. Saint-Victor, sem assunto para a sua coluna, resolve ir também ao ensaio, levando com ele Scholl.

Apenas entre nós, falamos de teatro, e Flaubert aproveita a deixa, com sua truculência habitual: “O teatro não é uma arte, é um truque. Aprendi isso com donos desse truque. Vou contar. Para começar, é preciso frequentar o café do Cirque² e tomar umas doses de absinto. Depois, dizer de qualquer peça: ‘Não é ruim, mas... precisa de cortes!’. Em seguida, repetir: ‘Não que seja ruim... mas não é uma peça!’. O principal, no fundo, é ter um projeto, nunca uma peça... Ter pronta uma peça ou mesmo ter publicado um artigo no *Figaro* não é nada bom! Aprendi esse segredo com um imbecil que, por sua vez, o havia aprendido com La Rounat... Foi La Rounat o autor desta tirada sublime: ‘Beaumarchais é uma ideia feita.

1 Adaptação do livro de Alphonse Karr, publicado em 1855. [TODAS AS NOTAS SÃO DO TRADUTOR.]

2 Le Cirque Olympique, sala de teatro e de espetáculos, no bulevar du Temple (onde morava Flaubert quando estava em Paris). Fechou em 1862.

Um nada somado a alguma fosforescência!”... E Flaubert se empolga: “Um nada, mas vai fazer um tipo como Chérubin³!”.

Flaubert diz não ter aceitado adaptar *Madame Bovary* para o teatro, pois acredita que uma ideia serve para uma só concepção e não gostaria de entregá-la a um Dennery: “Sabe o que é preciso para o sucesso nos bulevares? É que o público adivinhe tudo que vai acontecer. Assisti uma vez a uma peça ao lado de duas mulheres que, a cada cena, previam a seguinte: construía a peça à medida que assistiam!”.

A conversa continuou, a respeito de pessoas do mundo literário e da dificuldade de encontrar com quem se relacionar mais afetivamente, pessoas que não sejam cheias de manias, insuportáveis, burguesas ou mal-educadas. Charles Edmond disse poder fazer uma lista de dez nomes que se encaixem nesse perfil, mas não foi além de três ou quatro. E ficamos a lamentar o que falta em Saint-Victor: seria um amigo tão perfeito! Mas não se podem compartilhar com ele sentimentos mais profundos, mesmo havendo sinceras convergências intelectuais. É alguém que, após três anos de relação e amizade, tem ainda súbitos distanciamentos e glaciais apertos de mãos, como um desconhecido... Flaubert acha que é pela educação que recebeu. E observa que a educação religiosa, o serviço militar e o ensino superior, essas três formações, essas três instituições sociais, marcam para sempre o homem e o seu caráter.

Em seguida, passamos em revista as mulheres do teatro, as singularidades dessas estranhas criaturas.

3 Personagem da peça *O casamento de Figaro*, de Beaumarchais, apresentada pela primeira vez em 1784.

Flaubert deu a sua receita: deve-se ser sentimental e levá-las a sério. Depois nos perguntamos se as atrizes vão de fato para a cama tanto quanto os homens imaginam; se os cuidados com a saúde, o cansaço e a própria atividade não fazem que, na verdade, nunca passem dos flertes. Comentamos a tremenda influência que têm no trabalho dos críticos, quando se tornam suas amantes... Das mulheres do teatro, passamos às mulheres em geral, e Flaubert se saiu com esta: “Encontrei um meio bem simples de me ver livre delas, de noite durmo de lado, fazendo peso no coração... é infalível”.

Ficamos só nós no salão cheio da fumaça dos charutos. Flaubert anda de um lado para outro no tapete, batendo com a cabeça no pingente do lustre, agitado e falante. Sentimo-nos como seus irmãos em termos de sensibilidade intelectual.

Falou da vida isolada, pouco social, reclusa e fechada que leva, mesmo quando está em Paris. Como detesta teatro, não tem outra distração além dos jantares dominicais da sra. Sabatier, a Presidenta, como é chamada no mundo de Théophile Gautier. Detesta o campo, trabalha dez horas por dia, mas desperdiça tempo, deixando-se levar por leituras e sempre disposto à distração no lugar da obra. Sente-se disposto só lá pelas cinco da tarde, que é o seu meio-dia, e não pode ver um papel em branco, precisando cobri-lo de ideias como um pintor traçando seus esboços.

Concordamos quanto ao fato de raras pessoas se interessarem pelo *bem-feito* literário, pelo ritmo de uma frase, pela coisa bela em si: “Compreendem a imbecilidade de trabalhar para eliminar as assonâncias de uma frase ou as repetições dentro da mesma página? Para quem?... Além disso, mesmo quando a obra faz sucesso,

nunca é o sucesso que se pretendia. Em *Madame Bovary*, são os aspectos *vaudeville* que fazem sucesso. O que interessa passa sempre ao largo... Quem, no público, se contenta e se satisfaz com a forma? E olha que é a forma que faz a Justiça nos achar suspeitos, nos leva aos tribunais,⁴ que têm como referência os clássicos... Mas quem leu os clássicos? Não consigo citar oito letrados que tenham lido Voltaire, quero dizer *realmente lido*”.

[...] “Arte pela arte? Sua maior consagração foi no discurso de Buffon, que é um clássico, na Academia: ‘A maneira como se enuncia uma verdade é mais útil à Humanidade que essa verdade propriamente’. Para mim, arte pela arte é isso! E La Bruyère também diz: ‘A arte de escrever está na arte de definir e de descrever’”

Em seguida, o escritor amigo mencionou seus três brevíários do estilo: La Bruyère, algumas páginas de Montesquieu e alguns capítulos de Chateaubriand.

Tudo isso ele ia dizendo de olhos arregalados, rosto chamejante, braços erguidos e a envergadura de um Anteu da mitologia grega, tirando do peito e da garganta fragmentos do *Diálogo entre Sila e Êucrates*⁵, do qual ele nos lança as palavras na cara, com um rugido de leão.

[...] Citou-nos ainda a espantosa crítica de Limayrac sobre *Madame Bovary*, que termina da seguinte maneira: “Como permitir um estilo tão ignóbil quando

4 Em janeiro de 1857, Flaubert foi julgado por ultraje à moral pública e religiosa, pela publicação do livro *Madame Bovary*. Foi absolvido. No mesmo ano, Charles Baudelaire sofreu a mesma inculpação, mas com desfecho contrário.

5 Anteu era um gigante, filho de Poseidon e Gaia. Era extremamente forte, mas enfraquecia se perdesse contato com a terra, e Hércules se aproveitou disso para eliminá-lo. O *Diálogo entre Sila e Êucrates* está em *Considérations*, de Montesquieu.

temos no trono o primeiro escritor da língua francesa, o imperador?”. [...]

Voltando ao romance cartaginês sobre o qual está trabalhando, Flaubert falou das pesquisas, das leituras e dos volumes de notas tomadas, dizendo: “Sabem qual é a minha ambição? Quero que um leitor inteligente se tranque por quatro horas com meu livro e será como se eu desse a ele uma pedra de haxixe histórico.⁶ É só o que quero”.

Depois, num tom melancólico, concluiu: “No final das contas, o trabalho é ainda a melhor maneira de se escapar da vida”.

* *Domingo, 25 de janeiro*

[...] Eis que estamos no bulevar du Temple, no apartamento de trabalho de Flaubert, que tem a lareira presidida por um grande Buda. Em cima da mesa, páginas do romance atual, na verdade um amontoado de rasuras.

Ele fez calorosos elogios ao nosso livro, o que nos deu enorme prazer e nos sentimos felizes com essa amizade que se mostra sempre tão franca e leal, impondo-se de forma quase rude.

6 O haxixe estava na moda entre intelectuais e artistas. Em 1844, o médico Moreau des Tours havia até criado um *club des hashischins* sobre o qual Théophile Gautier e Baudelaire escreveram, e que era frequentado também por Balzac, Flaubert, Dumas, Delacroix, Daumier, Gérard de Nerval e muitos outros. O clube funcionou até 1849.

* *Domingo, 29 de janeiro*

Vimos Barrière, que nos conta, muito impressionado, ter visto, na praça de Grève⁷, os cabelos de um condenado à morte bruscamente se eriçarem quando ele deparou com a forca. Antes, no entanto, ao ser indagado sobre qual seria o seu último desejo, ele havia respondido: “Um assado de carneiro e uma mulher!”.

Passamos a noite na casa de Flaubert. Estava lá Bouilhet, forte como um trabalhador braçal. Ótimas histórias sobre as sovínices provincianas. Anedotas também sobre professores primários de Rouen. Em seguida, Sade, personagem que fascina Flaubert: “É a última expressão do catolicismo. Explico: é o espírito da Inquisição, o espírito de tortura, o espírito da Igreja medieval, o horror à natureza. Não há uma só árvore em Sade, nenhum animal”.

* *Domingo, 20 de fevereiro*

Junto à lareira, Flaubert nos falou do seu primeiro amor. Estava a caminho da Córsega e já havia antes perdido a virgindade com a camareira da sua mãe. Aguardava o navio que o levaria à ilha hospedado em um hotelzinho de Marselha, onde igualmente se hospedavam umas peruanas de Lima, donas de um mobiliário do século XVI, em ébano e madrepérola incrustada, que maravilhava a todos. Os tais móveis eram ornamentados com a

7 A atual praça do Hôtel de Ville, em Paris, era o local das execuções públicas de condenados à morte.

imagem de três mulheres em roupões de seda que iam até os calcanhares e um negrinho vestindo ganga e calçando babuchas. Para o jovem normando que até então só viajara da Normandia a Champagne e de Champagne à Normandia, tudo isso tinha um exotismo fabuloso. Havia ainda um pátio cheio de flores estranhas e, no centro, um alegre repuxo d'água.

Um dia, revigorado nessa fonte da juventude que é um banho no Mediterrâneo, ele viu, à entrada de um dos quartos, uma das mulheres, magnífica, com cerca de 35 anos. Ele a cumprimentou com um desses beijos enviados de longe, nos quais se põe toda a alma. À noite ela bateu na porta do quarto dele e o surpreendeu muito, com sexo oral. Foram sucessivas delícias, depois lágrimas de despedida, em seguida cartas e depois mais nada.

Muitas vezes ele voltou a Marselha, sem nunca conseguir saber grandes coisas sobre as tais mulheres. A última vez que esteve na cidade, indo a Túnis para o seu romance de Cartago – pois a cada viagem ele visitava o hotel –, não o encontrou mais. Descobriu, no lugar, uma loja de brinquedos e, no andar de cima, uma barbearia: ele subiu, fez a barba e reconheceu o papel de parede do quarto. [...]

* 4 de março

[...] Conversamos com Flaubert sobre *A lenda dos séculos*, de Victor Hugo. O que mais chama atenção em Hugo, que tem a ambição de se dizer pensador, é a falta de pensamento. Hugo não é um pensador; é, como disse Flaubert, um naturalista. Tem a seiva das árvores no sangue. [...]

Ele escreveu muito depois de acabar o colégio, mas nada publicou, exceto dois artigos num jornal de Rouen. Lamenta um volume de cerca de 150 páginas escrito quando era estudante, sobre a visita de um jovem melancólico a uma moça, um romance psicológico ainda cheio demais da própria personalidade. [...]

Ainda Flaubert: Molière foi um grande evento para a burguesia. Encontram-se nele a solene declaração da alma popular, a inauguração do bom senso e da razão prática, o fim da alta poesia para toda coisa. A mulher, o amor, todas as nobres e galantes loucuras são levadas à estreita condição conjugal e ao dote do casamento burguês. Todo movimento de impulso é logo controlado e corrigido. Corneille foi o último cantor da aristocracia, Molière é o primeiro poeta dos burgueses.

* 10 de março

Recebi carta de George Sand sobre *Les Hommes de lettres*, como um aperto de mão de amigo... Verdade é que o nosso livro goza de sucesso de estima, mas não de venda. No primeiro dia, acreditamos na vendagem, mas, quinze dias depois, não passamos dos quinhentos exemplares. É provável que não chegue a uma segunda edição. Mas temos orgulho do nosso livro: ele ficará, apesar da má vontade dos jornalistas. A quem porventura nos perguntasse: “Acham-se mesmo tão bons assim?”, responderíamos com o mesmo orgulho de Maury: “Nem tanto quando nos avaliamos, mas bastante quando nos comparamos aos colegas!”

* *Sexta*, 16 de março

Decididamente, nunca se deve servir uma sopa e um frango com trufas a amigos escritores. São intratáveis, mesmo de boca cheia. Mal nos sentamos, Flaubert e Saint-Victor já discutiam, falando de Dupanloup. Depois, por causa de uma frase bastante apropriada de Saint-Victor: “Se quiser um lacaio, procure um demagogo”, Charles Edmond quis rebater, achando que o insulto se dirigia a ele. Todo o restante do jantar foi frio...

Que pena Saint-Victor não ser um amigo de verdade! São muitos os pontos comuns entre nós quanto às ideias, aos princípios, aos sentimentos! Pois duas coisas são indispensáveis numa relação: a reciprocidade da estima e certa coincidência no terreno não propriamente das ideias políticas, se assim quiserem chamar, mas das ideias filosóficas. Hoje em dia percebemos limites entre nós e Flaubert, que tem um fundo provinciano e gosta de contar vantagem. Fez todas aquelas grandes viagens mais para impressionar a burguesia de Rouen. Tem um espírito grosseirão e empastado, como o corpo. Sutilezas não parecem afetá-lo. Sensibiliza-se mais com o impacto forte das frases. Há poucas ideias em suas conversas e são apresentadas de forma bombástica e pomposa. Tem o espírito, como a voz, declamatório. [...] Usa coletes brancos de dez anos atrás [...] é pesadão, excessivo e sem finura, tanto nas brincadeiras como nas ironias e caricaturas que faz das caricaturas de Monnier. Falta charme à sua expansividade bovina.

* 12 de maio

Um pequeno jornal brindou-nos hoje com uma caricatura. Nada retrata melhor que uma boa caricatura – por exemplo, Thiers por Daumier – e nada retrata pior que uma equivocada, como é o caso da nossa.

O jornalismo está reprimido, perseguido por leis draconianas,⁸ sempre sob a vigilância da censura para que faça publicidade da tolerância: seus editorialistas são redatores de encomenda... É algo de se estranhar: nunca o jornalista, pequeno ou grande, Jouvin ou Prévost-Paradol, esteve tão acima do escritor literário; nunca a sua personalidade se exibiu tanto, ocupou tanto espaço; nunca foi tão adulado, cumprimentado e afagado pelo público como hoje em dia.

* Maio

Tédio em mim e por tudo em volta. O céu parece cinza, as coisas, descoloridas e o pouco que percebo tem ares insípidos. Até mesmo as pessoas que vejo têm essa mesma característica cinzenta, descorada, insípida. Os amigos são como um livro sem graça que já foi lido. Sei o que vão dizer e como. Perdi, de certo modo, a disposição para conversas. Parecem novidades de vilarejo. Gostaria de conhecer outras pessoas, aborrecidas de outras maneiras; sair, mudar de teto, de forro de parede. Fora daqui talvez a vida tenha mais sabor. Posso

8 Cada vez mais importante, a imprensa, assim como a literatura e o teatro, passava por fortíssima censura de Napoleão III.

comprar uma casa de camponês na floresta de Fontainebleau, mergulhar de cabeça e de corpo inteiro na natureza. Talvez conseguisse me interessar por árvores, por um pé de legume, pelas variações do barômetro...

Nosso trajeto literário é bem estranho. Passamos pela história para chegar ao romance. É pouco comum. No entanto, parece bem lógico. A partir de que se escreve a história? De documentos. E os documentos do romance o que são, senão a própria vida?

* 26 de dezembro

Fomos ao Charité⁹. Saímos de casa debaixo de neve, ao amanhecer. Assistimos à entrada para o atendimento e vimos botarem num caixote comprido um embrulho amarrado nas duas pontas, tendo dentro uma morta.

Descemos com um residente à consulta, que se dá na sala do médico-cirurgião. Chega a vez de um velho, que tem no pulso um enorme tumor.

– Tosse? – perguntou o residente.

– Muito – respondeu o homem com voz apagada e humilde –, mas é o pulso que dói.

– Não podemos atendê-lo, terá de ir ao ambulatório da praça de Notre-Dame.

Sem saber o que dizer, o velho apenas olhava de modo vago o residente, que insistiu, vendo-o parado:

– Peça o atendimento médico, e não a cirurgia.

– Mas é aqui que está doendo – choramingou o idoso, mostrando o pulso.

– Será curado quando curarem a tosse.

Via-se pela janela cair a neve e o homem se foi, com o chapéu na mão.

– Pobre-diabo, com esse tempo ele não deve durar mais cinco dias! – disse o homem que controlava a entrada dos doentes.

O residente explicou:

– Se o aceitasse, amanhã mesmo seria mandado embora. Não há escapatória... é difícil, mas se aceitarmos todos os tísicos... e há tantos em Paris... não teríamos mais lugar para ninguém!

Essa cena nos abalou mais do que tudo que tínhamos visto no hospital.

De lá fomos à sala de espera [...] ouve-se o chamado da capela para um morto e no pátio já se vê o caixão miserável. [...]

Voltamos às quatro horas para a oração [...] não conseguimos segurar as lágrimas e vimos que chegamos ao nosso limite para o estudo, não aguentávamos mais.

Fomos embora. Não tínhamos mais controle nenhum sobre o sistema nervoso. Por tudo que havíamos presenciado naqueles dias, tínhamos perdido toda a capacidade de observação. Uma nuvem de tristeza sombria nos acompanhava. À noite ficamos em frente à lareira sem falar, mudos e sem energia para nos mexermos, nos sacudirmos, reagirmos.

9 Hospital público em Paris que Edmond e Jules frequentam desde o dia 18, procurando se familiarizar com o ambiente, para escrever o romance *Sœur Philomène*.

* 27 de dezembro

É terrível o cheiro do hospital que nos persegue. Não sei se é real ou apenas imaginário, mas o tempo inteiro, em todo caso, precisamos lavar as mãos. [...]

1861

Edmond e Jules terminam o romance *Sœur Philomène*, recusado por Michel Lévy, editor de Flaubert, e publicado pela Librairie Nouvelle (com investimento financeiro dos autores). Compram suas primeiras estampas japonesas, ajudando a torná-las uma verdadeira moda. Visitam, “para estudo”, como observadores atentos da natureza humana, ambientes mais populares. Baudelaire publica *As flores do mal*. Início da construção da Ópera de Paris.

* 18 de janeiro

Murger está morrendo de uma doença que o faz, ainda vivo, se desmanchar em pedaços. Quiseram outro dia aparar o seu bigode, e o lábio veio junto... A última vez que o vi no café Riche, há um mês, estava com ótima aparência, alegre, feliz. Acabavam de encenar no Palais Royal um ato tirado do seu livro, e por isso os jornais falaram dele mais do que haviam falado de todos os seus romances juntos. Disse ter chegado então à conclusão de que é bobagem se matar com livros e que